

Discursos dispersos e articulados: a região Nordeste e os sentidos de evidência reproduzidos na mídia

Dispersed and articulated discourses: the brazilian northeast region and the meanings of evidence reproduced in the media

DOI: 10.20396/lil.v25inesp.8670802

Helson Flávio da Silva Sobrinho¹
UFAL/CNPq

Lídia Ramires²
UFAL

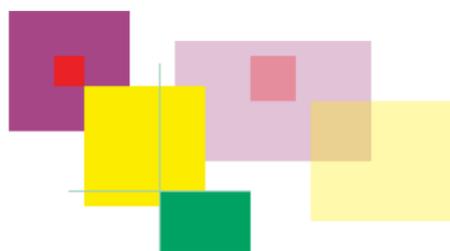
Resumo

Este artigo analisa enunciados que circulam na sociedade brasileira, especificamente, na mídia jornalística, sobre a região Nordeste e as/os nordestinas/os. São dizeres xenofóbicos e que reproduzem efeitos de evidência sobre essa região do país como lugar de atraso, sem produção intelectual e marcada pela dependência econômica. As materialidades analisadas revelaram uma regularidade de dizeres que se processam no que chamamos de discursos dispersos, que são aparentemente aleatórios, mas que se repetem, retomam memórias e convocam dizeres que reforçam os efeitos de evidência do que é o Nordeste e de como é a/o nordestina/o.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Discursos dispersos, Mídia jornalística, Região Nordeste do Brasil.

1 Docente da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Sociólogo e doutor em Linguística na área de Análise do Discurso (AD) pela Ufal e pós-doutor em Linguística pela Unicamp. Desenvolve estudos sobre Discurso, Sujeito, História, Ideologia e Materialismo Histórico. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Discurso e Ontologia (Gedon). É autor do livro *Discurso, Velhice e Classes Sociais*. Possui também publicações de capítulos de livros e artigos em diversas revistas especializadas na área de Linguística e Análise do Discurso. E-mail: helsonf@gmail.com

2 Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). É jornalista, mestra e doutora em Linguística na área de Análise do Discurso pelo PPGLL/Ufal, com estágio pós-doutoral na Université de Toulouse (França), em Mídia, Gênero e Discurso. É pesquisadora do Gedon – Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (Ufal) e do Lerass – Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales (Université de Toulouse). É autora do livro "Eles conseguiram!": os sentidos de sucesso no jornalismo de televisão. E-mail: lidia.ramires@ichca.ufal.br



Abstract

This article analyzes statements about the Brazilian Northeastern region and the Northeastern people, which circulate in Brazilian society, specifically in the journalistic media. Such sayings are xenophobic and reproduce effects of evidence about that region of Brazil as a place of economic delay and dependency, where intellectual production lacks. Analysed materialities revealed a regularity of statements processed in what we call dispersed discourses, which, apparently random, nonetheless repeat themselves, triggering memories and summoning sayings that reinforce the effects of evidence of that the Brazilian Northeast region is and how the Northeastern women and men are.

Keywords: Discourse Analysis, Dispersed discourses, Journalistic Media, Brazilian Northeast.

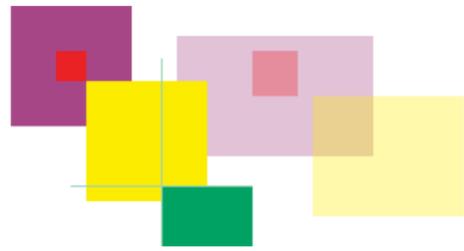
Introdução

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 21).

Apresentar uma análise discursiva sobre a região Nordeste e sobre a forma como determinados sujeitos se referem às/aos nordestinas/os não é algo fácil, pois implica retomar memórias, pensar sobre as construções históricas da formação social brasileira, sobre a produção e reprodução de sentidos, analisar posições-sujeito, compreender os discursos em sua formulação e circulação, tocar em imaginários, fazer referência ao funcionamento da ideologia e se confrontar com o real sócio-histórico.

Diante dessas questões, levando em conta os limites deste artigo, nossa proposta aqui é, pois, um pouco mais simples, se é que é possível trabalhar deste modo com esta temática. Neste trabalho, analisaremos os discursos sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os que circulam na mídia jornalística, discursos que aparentemente são dispersos, mas, de fato, são discursos bastante articulados, porquanto colocam em funcionamento a relação entre língua, história e ideologia na formação social brasileira.

Nesta perspectiva, filiamo-nos à Análise do Discurso (AD), a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Dessa posição teórica, compreendemos que a língua se inscreve na história para significar e, dialeticamente, a história também exerce força sobre a



língua para produzir seus efeitos materiais. Assim, podemos, já de início, perguntar como o discurso sobre o Nordeste comparece no discurso jornalístico e reproduz sentidos, em seu efeito de evidência, sobre esta região e sobre seus sujeitos.

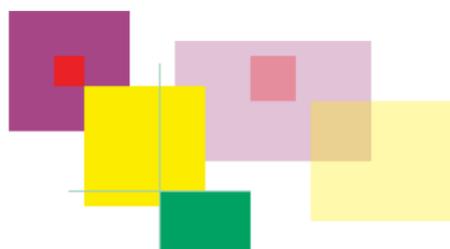
Para desenvolver essa reflexão, analisaremos o **discurso disperso** na mídia jornalística, que reproduz dizeres que significam o Nordeste como uma região de atraso, dependência econômica, miséria material e pobreza intelectual. Como podemos ver na epígrafe, os sentidos que são atribuídos ao Nordeste, às nordestinas e aos nordestinos não são um desvio de olhar ou fala, nem um desvio ou falha do sistema de poder. O funcionamento da produção e reprodução de sentidos sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os que encontraremos neste texto é inerente às relações de força e ao poder político e econômico presentes nas contradições da formação social brasileira.

Além desta introdução, nosso percurso de estudo terá três momentos. Primeiramente, faremos uma reflexão sobre a Análise do Discurso e o discurso “do” jornalismo “sobre” o Nordeste. Em seguida, centraremos nossa reflexão em análises dos recortes discursivos extraídos de dizeres de alguns jornalistas. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais, buscando articular questões e, ao mesmo tempo, lançar outras problematizações, que já se fazem necessárias.

Esse gesto de interpretação intenta compreender a complexidade desses discursos, sobretudo visando rupturas com esses dizeres que, como veremos no presente texto, reforçam preconceitos sobre a região Nordeste e as/os nordestinas/os, com fortes implicações no real.

Análise do Discurso e o discurso “do” jornalista “sobre” o Nordeste

Como dito, nossa reflexão se inscreve na Análise do Discurso e procuraremos pensar a relação do discurso com suas condições de produção, pois o que diferencia a AD de outras perspectivas da área dos estudos da linguagem é justamente o fato de articular o dizer com suas condições de produção, reprodução e transformação material e ideológica de uma determinada formação social. Ou seja, o que se diz como exterioridade do linguístico, para a AD, é algo que lhe é constitutivo.



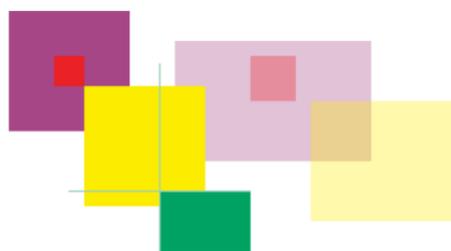
A Análise de Discurso, como uma disciplina de entremeio (ORLANDI, 1996) fundamenta-se na Linguística, no Materialismo Histórico e na Psicanálise. Mas, vale lembrar, tem seu próprio objeto, que é o discurso, compreendido como efeitos de sentidos entre locutores (ORLANDI, 1999). Não se trata, pois, de simples comunicação de mensagens entre locutor e interlocutor. Destacar isso é importante, pois, segundo Pêcheux (1997), a linguagem serve para comunicar e não comunicar, visto que os sentidos não são dados *a priori*; eles são produzidos na relação da língua, com a história, com o sujeito e a ideologia.

Nessa perspectiva, nem sujeitos, nem sentidos, nem a história são transparentes (ORLANDI, 1999). Daí a necessidade de trabalhar, a partir de uma perspectiva materialista, com as categorias de sujeito, de história e de língua para compreendermos o funcionamento do discurso e sua mediação na práxis social.

Quando falamos de sujeito em Análise do Discurso, não estamos nos referindo a sujeitos empíricos, nem a sujeitos psicológicos, nem a sociológicos, mas às posições-sujeitos, sempre ideológicas, projetadas no discurso, lugar de interpretação. O sujeito na AD é sempre sujeito constituído pela ideologia e pelo inconsciente, não é sujeito universal nem individual. É um sujeito determinado na história, que se subjetiva na relação língua, ideologia e inconsciente e assume posição determinada para poder dizer sobre si e sobre o mundo, e até mesmo para silenciar.

Quanto à história, estamos considerando, primeiramente, as condições de produção do discurso. Abordamos as condições de produção no sentido imediato que se referem ao aqui e agora da manifestação do discurso e, ao mesmo tempo, fazemos referência à conjuntura mais ampla que diz respeito às relações sócio-históricas e ideológicas de uma determinada formação social. A nosso ver, a história é sempre um movimento de reprodução e transformação, um movimento dialético no qual os sentidos vão se produzindo nas práticas sociais, que dão a historicidade da língua e dos sujeitos.

Chegamos então à noção de língua para a AD, uma língua que falha, que produz equívocos, que se inscreve na história para significar. Não se trata de um sistema abstrato, senão de uma língua que tem, materialmente, forma e conteúdo. Para Orlandi (1996, p. 51), “é pela consideração da forma material – em que o simbólico e o histórico se articulam, os sentidos se produzindo com ou sem o controle do sujeito – que se pode atingir a ordem do discurso”. Portanto, na AD não se separa língua e história, pois elas estão contraditoriamente



entrelaçadas para produzir sentidos, e isso exige de analistas do discurso princípios e procedimentos teóricos e analíticos que levem em consideração o real da língua e o real da história.

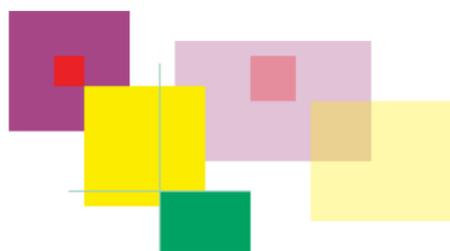
Segundo Orlandi:

Nessa perspectiva, o analista de discurso vai então trabalhar com os movimentos (gestos) de interpretação do sujeito (sua posição), na determinação da história, tomando o discurso como efeito de sentidos entre locutores. São, como dissemos, duas ordens que lhe interessam: a da língua e a da história, em sua relação. Que constituem, em seu conjunto e funcionamento, a ordem do discurso. Em sua materialidade. (ORLANDI, 1996, p. 49).

Diante do que já foi dito, enfatizamos que o sentido não existe em si mesmo. Segundo Pêcheux (1997), ele é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico. Por isso, Pêcheux considera que as palavras recebem seu sentido nas formações discursivas (FD), que são regiões de saberes/dizeres que representam as formações ideológicas de uma determinada conjuntura histórica. Assim, por exemplo, as palavras “Nordeste”, “nordestino”, “baiano”, “paraíba”, “cabeça chata”, “retirante” e “pau de arara” têm seus sentidos produzidos por uma certa regularidade, porque significam numa mesma formação discursiva. Nesta regularidade, também sob o efeito da ideologia, esses dizeres reproduzem evidências. Evidências de sentidos e de sujeitos.

Tais evidências estão dispersas em nossa sociedade e chegam, como veremos à frente nas análises das materialidades discursivas, a ser reproduzidas no discurso “do” jornalismo “sobre” o Nordeste. Quando falamos de discursos dispersos estamos considerando que tais discursos estão em diversos lugares, por exemplo, nas falas do cotidiano, na imprensa, em documentos oficiais, nas piadas, na TV (programas de entretenimento, novelas), nos filmes, na literatura, na música, na pintura, no livro didático, na política, na economia etc. Mas, ao mesmo tempo, possuem uma articulação em seu caráter desigual e contraditório que se estabelece com relação ao interdiscurso, ou seja, com o já-dito em outros lugares e em outros momentos. Tais discursos são retomados para sustentar a produção de sentidos em sua formulação na atualidade.

Assim, tomar o discurso jornalístico como objeto de análise convoca a necessidade de compreendermos em quais condições de produção esses ditos (e silenciados) produzem efeitos de sentido. As particularidades que envolvem essas formulações são decisivas na



percepção de como se constroem efeitos de evidência que circulam na sociedade e fortalecem a cristalização de imagens e a naturalização de preconceitos que estimulam práticas (discursivas e materiais) que reforçam atitudes de xenofobia na sociedade brasileira.

A mídia jornalística atua de modo determinante na subjetivação da sociedade, como espaço em que se materializam e circulam sentidos. Faz-se necessário, assim, que lancemos o olhar para as relações de poder que fundamentam as práticas e o funcionamento ideológico nos discursos que por ela circulam. Em suas práticas, noções de objetividade e imparcialidade jornalísticas – propositadamente apresentadas como sinônimos – são recorrentes. Há, desta forma, a formulação de discursos que constroem o efeito de evidência de constante oposição, no noticiário, entre informação e opinião.

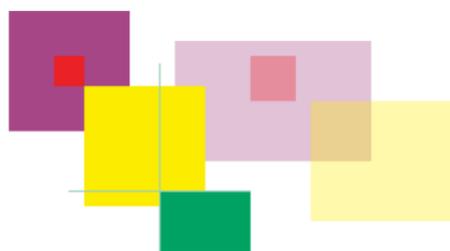
A necessidade de atenção às especificidades na produção dos textos – sejam orais, escritos ou imagéticos – é decisiva. Em muitos casos, negligencia-se a compreensão do processo produtivo desses conteúdos e se toma como igual a produção de informações em diferentes suportes, veículos e gêneros. É preciso saber como se dá o processo de divulgação dessas notícias, que interessam as cercam, fazendo o movimento para além do texto e tomando os dizeres na perspectiva discursiva.

Ainda há no jornalismo um ideal de neutralidade e imparcialidade que fornece evidências a seu público de noções como verdade e isenção no conteúdo noticiado. Esse movimento discursivo ancora-se naquilo que Mariani aponta, ao considerar o discurso jornalístico como o **discurso sobre**, ou seja, um discurso que toma como objeto aquilo “sobre” o que se fala.

Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta uma imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se “envolveu” com a questão. (MARIANI, 1998, p. 60).

Em nosso gesto analítico, deparamo-nos com a recorrência, no noticiário, de efeitos de sentido sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os, a partir de discursos veiculados na mídia jornalística, que estão também em circulação (de forma, aparentemente, dispersa) pela sociedade brasileira.

Pensamos nesses espaços discursivos como *lócus* de produção de um negócio que obedece às regras do mundo capitalista, uma vez que esses discursos evidenciam posições



ideológicas inseridas na formação social do capital, buscando deste modo o aumento de seu público consumidor. Assim, “o discurso produzido pela mídia se insere não só na cotidianidade, mas na lógica da busca do lucro, portanto, de assuntos que atraíam público e aumentem a audiência” (RAMIRES, 2017, p. 50).

Os discursos noticiados pela mídia jornalística estão assim para além da simples narrativa dos acontecimentos, não são transparentes e apontam sentidos produzidos em condições de produção que determinam socialmente as posições ideológicas dos dizeres divulgados.

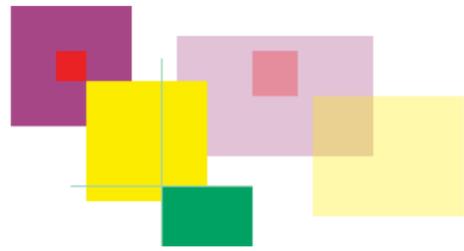
Em trabalho anterior, Silva Sobrinho (2012) apresentou uma análise de imagens e dizeres (materialidades verbais e não verbais) veiculados na mídia televisiva sobre a/o nordestina/o que vive na cidade de São Paulo. Com o objetivo de compreender os gestos de interpretação que reproduzem evidências sobre o sujeito-migrante, a pesquisa tomou como materialidade discursiva o programa de televisão *Domingo Legal*, do SBT, cujo quadro era chamado “De volta para minha terra”.

A pesquisa chegou à seguinte conclusão:

O encadeamento discursivo, efetivado na mídia televisiva como efeito de encaixe (palavras e imagens e/ou vice-versa), revela um processo discursivo, inscrito nas relações históricas, que expõe a vivência do nordestino em São Paulo como um “fracasso” do próprio indivíduo, com sentimento de “culpa” e “arrependimento” por haver migrado, e é assim que o programa silencia outras possíveis interpretações sobre o real da cidade. (SILVA SOBRINHO, 2012, p. 969).

O que nos chama atenção quando deslocamos nosso olhar para a presente análise é que ainda encontramos uma forte repetição desses dizeres também no discurso “do” jornalismo “sobre” o Nordeste. Ou seja, esses dizeres vêm se perpetuando, ao longo da história do Brasil, em processos de reprodução que evidenciam sentidos, revelando movimentos de paráfrases com quase nenhum deslocamento nas formulações.

É importante reiterar que o discurso jornalístico também possui condições históricas de produção. Ele tende a se constituir como se se produzisse como um discurso neutro, mas ele está inscrito nas contradições históricas e ideológicas de uma determinada sociedade. No caso específico deste trabalho, não iremos analisar o jornal, mas sim a fala “do” jornalista,



compreendendo que ele é agente de práticas diversas e, por isso, fala sempre de uma posição ideológica que recorta o real e produz e reproduz interpretações.

Dessa perspectiva, o discurso falado pelo jornalista não tem origem nele. É uma posição ideológica que assume para significar o Nordeste ou mesmo outras regiões. Nessa medida, significa as/os nordestinas/os, mas também se significa nessa discursividade na qual se inscreve. Vale ressaltar que o jornalista não é dono de seu dizer, por isso estamos continuamente colocando aspas no “do” jornalista, para destacar esse distanciamento e estranhamento. Contudo, tomados pelo gesto de interpretação, jornalistas falam como se fossem os donos e a origem do discurso que enunciam.

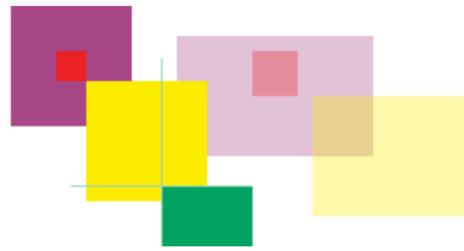
Para a Análise do Discurso, os gestos de interpretação dão a ver a identificação do sujeito com as ideologias numa formação discursiva e ideológica em certa conjuntura sócio-histórica. Desse modo, podemos concluir esse ponto de reflexão com as palavras de Pêcheux, retiradas do livro *Semântica e discurso*, especificamente do trecho “A forma-sujeito do discurso”:

Concluiremos esse ponto dizendo que o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

É nessa direção que o jornalista fala como se o discurso tivesse origem nele. No entanto, submete-se à língua em sua historicidade para falar sobre o mundo e “esquece” de suas determinações históricas, ideológicas e inconscientes. Jornalistas reproduzem em seus discursos, enquanto sujeitos de determinadas práticas, os efeitos de evidência sobre o Nordeste e a/o nordestina/o.

Discursos dispersos no jornalismo: a retomada de sentidos pejorativos “sobre” o Nordeste

Na imprensa brasileira, o Nordeste é ainda retratado como a região de pobreza, fome, seca, irracionalidade, migração e racismo (em que negros e pardos são ainda mais discriminados e vitimados pelas diversas formas de violência).



Segundo Moraes (2022, p. 4),

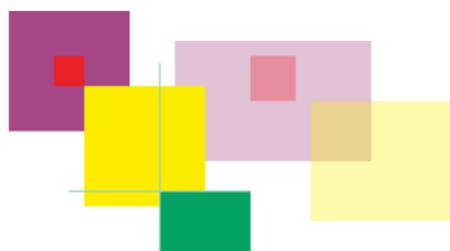
a **ideia** de Nordeste que reverbera até hoje nasce antes mesmo do aparecimento oficial da região no mapa brasileiro (o que vai acontecer pela primeira vez, via IBGE, somente na década de 1940). Explico melhor: ainda estávamos no período final do século 19 quando a população do que viria a ser Nordeste começou a surgir fortemente nos jornais de todo o país. Isso aconteceu em dois momentos muito próximos.

A autora aponta para uma memória que se fortalece, pela mídia jornalística, com a divulgação, em 1878, de fotos de autoria de Joaquim Antonio Correa, que retratavam pessoas desnutridas, fugindo da fome e da miséria causada pela seca e pelo abandono político em Fortaleza. Outras imagens, registros de Flávio de Barros, de 1897, ao acompanhar a última incursão do Exército em Canudos, circularam e voltaram a apresentar imagens de magreza e fome da população da região. “Nelas, também magros e esfomeados, estão os agora classificados como ‘fanáticos’ seguidores de Antônio Conselheiro” (MORAES, 2022, p. 5). Assim, além de miseráveis e famintas, essas pessoas passam a ser retratadas ainda como fanáticas religiosas.

A imprensa à época retratava as cenas e explicitava, em textos publicados pelos maiores jornais do país, a preocupação com a possibilidade de aquelas “legiões de famintos” chegarem ao Sudeste – o medo se estendia também às populações negras que vagavam após a Lei Áurea, de 1888.

Essa gente de pele escura que poderia chegar às capitais e comprometer o desenvolvimento político e econômico do país, além de atrapalhar os planos de europeização, incomodava muito. Tomemos aqui trechos de escritos de Júlio Mesquita Filho, membro da família que fundou *O Estado de S. Paulo* e que ainda se mantém no comando do jornal:

SD1: As portas das senzalas abertas em 88 haviam permitido que se transformassem em cidadãos como as demais dezenas e dezenas de milhares de homens vindos da África e que, infiltrando-se no organismo frágil da coletividade paulista, iriam não somente retardar, mas praticamente entravar o nosso desenvolvimento cultural [...]. Um contingente preto nesse momento será mais nocivo que útil à obra da civilização em que estamos empenhados. Precisamos de gente para os nossos sertões, mas de gente capaz de melhorar em todos os sentidos a população do país. (*O Estado de S. Paulo*, 8/6/1929).



O discurso jornalístico (imagético e escrito) no século XIX e início do século XX lançava mão do discurso racista e reforçava o preconceito que se estendia à população migrante da região mais pobre do país, que se “infiltrava” em São Paulo, ironicamente apontada como formada por “cidadãos como os demais”, “ameaçando” o desenvolvimento cultural que deveria vir pela europeização. O fluxo de pessoas de outros estados foi estimado em 1,3 milhão de migrantes, entre o final da década de 1930 e 1950, oriundos, na maioria, da região Nordeste, vindos de Alagoas, Bahia e Pernambuco.

O auge da migração nordestina se dá na década de 1950. Ao analisar o tratamento da imprensa popular de São Paulo, nessa década, Romero destaca a cobertura do *Diário da Noite*, jornal vespertino que contava com o financiamento de empresários, fazendeiros e industriais paulistas e que fora comprado por Assis Chateaubriand em 1925:

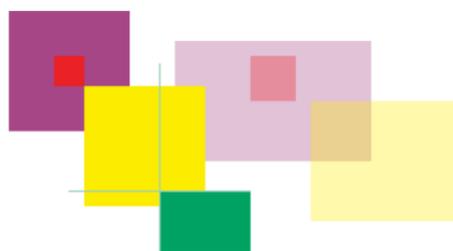
Nos anos 50, atingindo um universo de leitores amplo e diversificado, com uma tiragem média de 70 mil exemplares e duas edições, o *Diário da Noite* será um dos jornais de maior circulação em São Paulo e um dos mais importantes do poderoso Império Associado.

Exercerá papel estratégico na difusão de informação, na formação de opinião, na criação de consenso, produzindo imagens que fazem parte do nosso cotidiano, sinalizando os primórdios de um desempenho que é o da mídia hoje: instituir uma imagem do real para o consumo diário, contribuindo para modelar opiniões, comportamentos, identidade, lazer. (ROMERO, 2014, p. 2).

A linha editorial do jornal era voltada para o acompanhamento dos problemas cotidianos da população, e os textos eram de folhetins, destacando o grotesco, com narrativas consideradas melodramáticas.

No início da década de 1950, a aporofobia (hostilidade com pessoas em situação de pobreza ou miséria, presente em discursos dispersos, na atualidade, principalmente nas capitais brasileiras) já estava diretamente ligada ao Nordeste a/o nordestina/o, como poderemos observar no recorte que segue:

SD2: Na capital o espetáculo é degradante. Eles sentam nas calçadas, dormem nos viadutos e nos cantos. Onde quer que andemos temos sempre aos nossos pés um infeliz nordestino [...]. O roteiro da fome no Nordeste aos estados do Sul facilitou o aparecimento de uma legião de milhares de mendigos. (*Diário da Noite*, 23/3/1953).



Assim, pelo interdiscurso, dizeres que circulam na mídia jornalística desde o século XIX constituem a memória discursiva que, ideologicamente, fornece efeitos de evidência do que é o Nordeste e como são as/os nordestinas/os. Discursos dispersos na sociedade, que podem ser apreendidos em noticiários e comentários jornalísticos na grande imprensa, reforçam a xenofobia, o racismo e a aporofobia. São enunciados que se atualizam em discursos fascistas que pretendem reforçar ideais de superioridade e exclusão, fortalecendo práticas políticas de extermínio de populações, há séculos, tomadas como mão de obra barata e descartável.

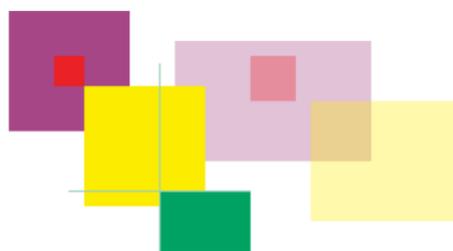
Em nossa análise, percebemos que esse discurso sobre a região Nordeste e os/as nordestinas/os ainda se manifesta em texto (seja oral ou escrito) nos comentários de jornalistas da atualidade. Os dizeres possuem, em sua materialidade histórica, um funcionamento que diz respeito ao modo de significar o Nordeste e as/os nordestinas/os que retoma memórias há muito “cristalizadas” na formação social brasileira.

Nosso percurso analítico segue com recortes de sequências discursivas de diversas matérias, aparentemente dispersas, veiculadas pela mídia jornalística. A seguir, passaremos a compreender que há um processo discursivo em funcionamento que as articula. Como afirma Pêcheux (1997, p. 161), estamos diante de um “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”.

O recorte que segue foi retirado da fala do comentarista Diogo Mainardi, no *Manhattan Connection*, da Globo News, em outubro de 2014, referindo-se à vitória de Dilma Rousseff para presidenta do Brasil. O comentarista disse o seguinte:

SD3: “Essa eleição é a prova de que o Brasil ficou no passado. Não é nem Bolsa Família, não é marquetagem. **O Nordeste sempre foi governista, sempre foi bovino, sempre foi subalterno ao governo**”, diz Mainardi. “**É uma região atrasada, pouco educada, pouco instruída, que tem grande dificuldade para se modernizar**”.

Podemos compreender, desde já, que o dito pelo jornalista se inscreve num conjunto de formulações que estão na memória discursiva sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os. Estamos compreendendo a memória, assim como nos mostra Pêcheux (1999, p. 52), “como uma estruturação de uma materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de



repetição e regularização”. Assim, o dizer do jornalista revela um gesto de interpretação que tem seu funcionamento num discurso preconceituoso e xenófobo que, como vimos, historicamente se repete na sociedade (e na imprensa) brasileira.

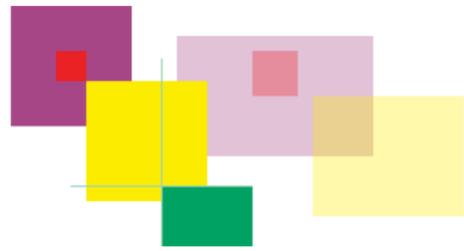
No recorte discursivo em análise, há um trabalho da interpretação, na relação da língua com a história e a ideologia. A exterioridade, que vem pela memória discursiva, assim se inscreve devido à questão das eleições presidenciais e às décadas do governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Há um dizer que “culpa” o Nordeste pela reeleição de Dilma (PT), como se esta vitória eleitoral tivesse sido uma péssima escolha para o Brasil. Desse lugar social, o jornalista retoma dizeres que argumentam que “os nordestinos não sabem votar”.

Podemos recuperar essas questões fundamentando nosso estudo na tese de Santos (2020), que analisou o discurso de ódio e preconceito sobre as/os nordestinas/os que circulou no *Twitter* durante as eleições presidenciais de 2010, 2014 e 2018. A autora explica como determinados dizeres e imagens sobre o Nordeste e sobre os sujeitos nordestinos foram historicamente construídos e, principalmente, como e o porquê de esses sujeitos terem sido discursivizados como “não-gente”, “não-humanos”, “não-cidadãos” e “não-eleitores”.

Portanto, estamos diante de um processo histórico-discursivo que se constitui em memória política da formação social brasileira e que, como vimos, se entrelaça ao que foi reportado no discurso do jornalista: “sempre foi bovino”, “é atrasada”, “pouco educada”, “pouco instruída”. Tais dizeres têm impacto nas relações democráticas da sociedade brasileira, já que funcionam como uma forma de impedir, através do menosprezo, a participação do Nordeste em decisões políticas.

Como estamos vendo, há uma ligação contraditória entre a língua e a história. O Nordeste é significado, em seu efeito de evidência (“sempre foi”), a saber: “bovino”, “governista”, “subalterno ao governo”. Este advérbio “sempre” temporiza tal dizer como verdadeiro (evidente), numa construção “lógica/ideológica” que “sempre foi/é assim/não vai mudar/não se espera outra coisa”.

Observa-se também que o enunciado acrescenta: “é uma região atrasada, pouco educada, pouco instruída, que tem grande dificuldade para se modernizar”. Ao produzir essa construção discursiva, é menos visível, mas se encontra aí, em funcionamento, um discurso que compara o Nordeste com o Sudeste. Há um discurso que coloca o Nordeste como atrasado e o Sudeste como região avançada, moderna e, assim, um exemplo a ser seguido.



Trata-se, portanto, do funcionamento dos interesses dominantes da economia e da política no discurso sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os. Segundo Albuquerque Júnior (2006; 2007), a designação Nordeste para nomear uma região específica do país surge na década de 1910 e está articulada às questões da seca, aos interesses da elite econômica, política e intelectual dessa região, mas também aos interesses econômicos e políticos da região Sudeste. Assim, historicamente, vai se construindo o imaginário sobre o Nordeste como lugar de atraso, com forte herança colonial, constituído por uma população negra, em contraponto ao Sudeste, tido como lugar da modernidade, industrializado e com imigrantes europeus.

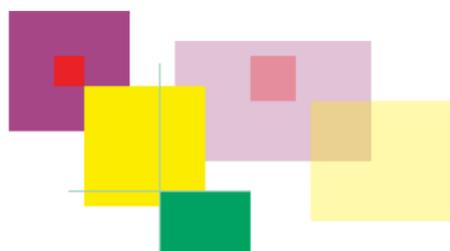
Nesse sentido, “o nordestino será visto, quase sempre, como sendo um retirante, um flagelado ou um cangaceiro em potencial” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 94). Ainda, os nordestinos são significados como sujeitos que vivem “à custa dos impostos pagos pelos contribuintes de outras regiões do país, sanguessugas dos cofres públicos, que retorno nenhum daria ao país” (2007, p. 95).

Seguiremos, então, para mais um recorte discursivo. Trata-se da fala da jornalista Vera Magalhães, no *Jornal da Cultura*, em 19/3/2021.

SD4: “Conversei com um médico do Sírio-Libanês, não de um hospital lá do meio do Nordeste, um hospital público, não. É um hospital de elite da capital do principal Estado do Brasil. Ele me falou: ‘Vera, nós estamos intubando (sic) pacientes no leito, no quarto’. Isso é barbárie, é colapso no principal hospital particular da cidade de São Paulo”.

A temática versa sobre o funcionamento do hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, um hospital privado e da elite, no período mais agudo da pandemia de Covid-19. A jornalista, ao trazer a fala de um médico que relata problemas no funcionamento e atendimento aos pacientes, faz uma “comparação” com os hospitais “lá do meio do Nordeste”. Podemos iniciar esta análise pelo funcionamento do dêitico “lá”. O que coloca o Nordeste como lugar distante, não apenas geograficamente, mas também em diversos sentidos. Pois, de um lado, está um hospital de elite, e de outro, o imaginário de como deve ser um hospital “lá do meio do Nordeste”.

O que nos chama atenção é como a visão do Brasil e suas divisões em regiões é convocada para elevar uma determinada região (o Sudeste, neste caso). O discurso precisa



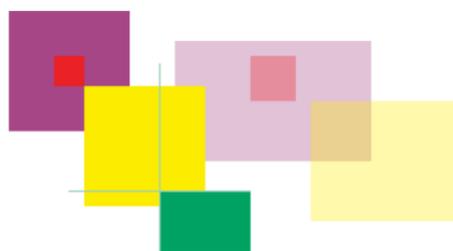
“comparar”, depreciando o outro, para significar o hospital do Sudeste como melhor, e que o atendimento dado aos enfermos, naquele momento, é tido como um absurdo “barbárie/colapso”. Em nossa análise, consideramos que esse dizer não é produzido porque o atendimento do hospital particular está precário. O absurdo (a barbárie) é um hospital de elite que está em “colapso” e, por isso, o efeito de sentido naturaliza a precariedade em hospitais públicos e, especialmente, nos do Nordeste. É como se dissesse: “no Sírio-Libanês isso não pode ocorrer”; mas, “lá no Nordeste, é evidente que sim”. Ressalta, ainda mais tristemente, a naturalização da importância das vidas no Sudeste e o desprezo pelas vidas no Nordeste. Em São Paulo, pessoas não podem viver/sobreviver naquelas condições, mas, no Nordeste, isso é aceitável e, provavelmente, não seria nem noticiado.

É claro que a jornalista poderá afirmar que não foi sua intenção naturalizar atendimentos precários na região Nordeste. No entanto, na AD, não trabalhamos com a intenção do sujeito, por isso, o enunciado em análise nos faz perguntar sobre como tal objeto simbólico produz sentidos. Para dar sentido e sensibilizar o público sobre a situação do hospital de elite naquele momento pandêmico, a jornalista lança mão de sentidos produzidos e reproduzidos como evidência que repetem a significação do Nordeste como região atrasada e precária. É novamente a ideologia funcionando, produzindo evidências.

Segundo Pêcheux:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Este efeito de evidência é reproduzido em várias instâncias. Podemos reportar nossa reflexão ao trabalho de Silva (2020). Nele, a autora analisa livros didáticos de Geografia para Educação Básica e compreende que o discurso materializado em tais livros coloca o Nordeste como uma região inferior por conta, por exemplo, de encontrar ruas não pavimentadas, poucas pontes e poucos prédios em comparação à região Sudeste. Os livros buscam ensinar sobre o Nordeste como a região mais desigual do Brasil e com baixa qualidade de vida. Também retratam o Nordeste como lugar de “repulsão” e o Sudeste como lugar de “atração” de sujeitos. Essas análises confluem para o que aponta Albuquerque Júnior (2007): que as/os nordestinas/os, nesse enlace entre economia e política, são sujeitos que têm poucas



oportunidades, o que gera um complexo de inferioridade do Nordeste e, ao mesmo tempo, um complexo de superioridade dos sujeitos do Sudeste.

Esses dizeres sobre o Nordeste circulam em excesso por conta da opacidade da linguagem e do efeito da ideologia que produz evidências e mascara o caráter material do sentido (PÊCHEUX, 1997; SILVA SOBRINHO, 2019). Como se trata de interpretação, a evidência é sempre uma produção ideológica e tem a ver com as condições de produção da formação social brasileira.

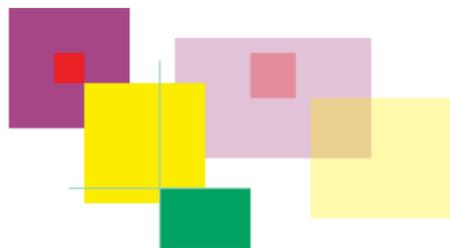
Compreendemos que o discurso é sempre mediação entre os sujeitos nas práticas sociais e está sempre em movimento de repetição/paráfrase e, ao mesmo tempo, movimento de deriva/polissemia. No entanto, temos visto que há uma forte repetição de sentidos administrados pela formação social brasileira que significam o Nordeste e as/os nordestinas/os como atrasadas/os, miseráveis e também preguiçosas/os. Nessa direção traremos, a seguir, uma polêmica que se deu com o jornalista Tiago Scheuer, o “homem do tempo”, do *Jornal Nacional* da TV Globo.

O enunciado fazia referência à previsão do tempo na cidade de Salvador, capital da Bahia. Segue o comentário do jornalista:

SD5: “Nada de sol no domingo. **Vai ser um domingo da preguiça mesmo**, com 26° e 30 mm de chuva [em Salvador].”

Numa primeira leitura, devido à opacidade da linguagem, não conseguimos ver de imediato o “preconceito” atravessando essa formulação. No entanto, a circulação desse enunciado gerou polêmica através de comentários postados nas redes sociais e fez vir à tona a relação entre Salvador (Nordeste) e os sentidos de “preguiça”. Tais sentidos são institucionalizados e, em seus processos de repetição, significam o Nordeste e, em especial, reportam o baiano como preguiçoso. É o trabalho da interpretação que nos faz pensar como caiu textualmente, naquela sequência discursiva, a palavra “preguiça”. Podemos perguntar quem sustenta essa interpretação. Podemos dizer que para a AD, a palavra “preguiça” não apareceu por acaso naquele enunciado. Ela retoma a memória discursiva e, por isso, significa. A palavra “preguiça” associada a Salvador (BA) tem uma espessura material que é linguístico-histórica, pois possui uma discursividade.

Entendemos que a inserção da palavra “preguiça” no enunciado “do” jornalista “sobre” o clima no Nordeste foi uma falha no gesto de interpretação do sujeito (ato falho), mas, ao



mesmo tempo, trata-se do funcionamento “bem-sucedido” da ideologia e do inconsciente expresso na materialidade da língua.

Segundo Pêcheux:

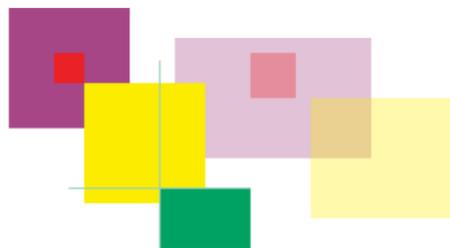
O recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. (PÊCHEUX, 1997, p. 133).

Podemos dizer ainda que essa articulação que foi produzida no enunciado entre “previsão do tempo-Salvador (BA)-preguiça” é um dizer exposto ao equívoco, um deslize no funcionamento do discurso, no qual o real da língua e o real da história se manifestam e se confrontam. Ainda segundo Pêcheux (2002, p. 53), “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação”. Portanto, podemos considerar que há sempre uma historicidade contraditória produzindo deslizamentos de sentidos nos enunciados que circulam na sociedade.

Tal construção discursiva – “previsão do tempo-Salvador (BA)-preguiça” – é atravessada por discursos que retomam a ideia da/o nordestina/o como preguiçosa/o. Tal imaginário está relacionado, por um lado, a como negros e indígenas escravizados (ou seja, os não-brancos), em busca de liberdade, foram significados como preguiçosos quando resistiam aos trabalhos forçados. Podemos pensar, por outro lado, também nas festas na região Nordeste, especialmente na Bahia, com carnavais fora de época, que reforçam um imaginário de que o Nordeste vive em festa e o Sudeste, especialmente São Paulo, só trabalha. Além disso, há o imaginário sobre o falar (prosódia) arrastado das/os nordestinas/os e a utilização de redes de dormir nas moradias, reforçando o efeito de evidência da preguiça. Tudo isso tem sustentado sentidos que produzem e reproduzem evidências que associam a Bahia/Nordeste à “preguiça”.

Seguiremos, agora, para mais duas sequências discursivas SD6 e SD7:

SD6: “Tomara que [as jogadoras do Bahia] estejam bem baianas. Pensando assim: ‘ah, vamos deixar o jogo para depois de amanhã’. Enquanto isso, a gente já está no 220V”.



SD7: “Vocês estão loucos. Vocês estão se baseando em duas rodadas. O Alê (Oliveira) **se baseia na Copa do Nordeste, que é uma porcaria, um lixo. Desculpa, com todo o respeito, é uma porcaria. O Bahia** é o mais forte desses, talvez nem lute para não cair, mas também não vai chegar à Libertadores, **é uma porcaria também, outro lixo.** Vou falar que **o Ceará** é uma potência? **É uma porcaria**”, declarou.

Essas duas sequências discursivas estão no âmbito do jornalismo esportivo. A primeira, SD6, foi retirada da fala da jornalista Aline Bordalo, em uma *live*, em seu canal de *Youtube*, em janeiro de 2021. Já a SD7 é um recorte da fala do jornalista Domenico Gatto, da *Rádio Energia 97FM*, em junho de 2021. As duas falas fazem referência aos times de futebol do Nordeste e a seus/suas jogadores/as.

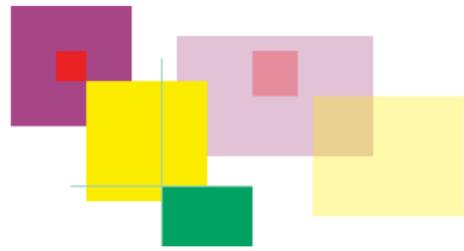
Na SD6, vemos um desejo da jornalista de que as jogadoras do Bahia “estejam bem baianas” no jogo, ou seja, com “preguiça” de jogar. Dizeres como esse “baianada” são formas pejorativas de falar sobre a/o nordestina/o e são muito comuns no Sudeste do país. São os sentidos que foram construídos na constituição histórica do Brasil.

Segundo Albuquerque Júnior:

No Brasil, o preconceito por origem geográfica marca, especialmente, os nordestinos. Este preconceito se expressa, por exemplo, através dos estereótipos do “baiano” e do “paraíba”, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região Nordeste. Ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó, entre outros. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 89).

Na SD7, o jornalista se refere ao campeonato do Nordeste e aos times dessa região como “lixo”, “porcaria”. Interessante que há um pedido de licença/desculpa para poder dizer tais palavras: “desculpa, com todo o respeito, é uma porcaria”. Na verdade, este discurso, que simula pedir licença e anuncia respeito, não se fundamenta em relações respeitadas. Pelo contrário, nele, os efeitos de sentido são de julgamento e da crítica mais vulgar.

Assim, também, tanto na SD6 como na SD7, há uma regularidade sobre como o esporte praticado no Nordeste é, pejorativamente, significado. Pelo preconceito, o discurso desqualifica o oponente. No entanto, precisamos compreender também que essas formas preconceituosas de dizer sobre as/os nordestinas/as que são reproduzidas nas grandes cidades do Sudeste estão articuladas à “concorrência pelo mercado de trabalho entre a



população migrante nordestina, as populações locais e as populações de imigrantes estrangeiros” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 115). No caso em análise, os dizeres estão ligados à competição no esporte, mas não são apenas relações “esportivas”, pois implicam financiamentos, investimentos, compra e venda de mercadorias, negociações para transmissão de campeonatos na TV e rádio etc.

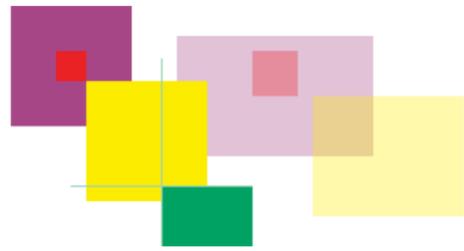
A forma como esse discurso sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os se materializa nas SDs analisadas resulta dos processos sócio-históricos materiais da formação social brasileira, ao longo de sua história. Assim, os recortes que examinamos são parte de um processo discursivo que reproduz dizeres dominantes porque estão inscritos nos interesses (políticos, econômicos, sociais, culturais) em jogo nesta conjuntura histórica, através de séculos.

Como vimos, os discursos dispersos que analisamos neste artigo talvez possam até ser considerados como uma “narrativa” jornalística dominante sobre a região Nordeste e as/os nordestinas/os, mas são, de fato, um processo discursivo que, em sua materialidade significativa, reproduz “saberes” preconceituosos e tem implicações na ordem material da formação social brasileira, pois sustentam um imaginário que, remetido ao real, produz eficácia justamente porque desqualifica a região e os sujeitos deste espaço geográfico e simbólico (de onde escrevemos, não por coincidência, neste momento), impedindo outras significações e outras práticas.

Considerações finais

Em nosso texto analisamos o que temos chamado de **discursos dispersos e articulados** sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os. Consideramos que são dizeres que circulam na sociedade, aparentemente aleatórios, mas que estão sempre imbricados em seus processos históricos. O discurso sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os foi nosso objeto de pesquisa e buscamos analisar como, no discurso jornalístico, deparamo-nos com a presença de gestos de interpretação que, determinados pela história, permanecem significando pejorativamente esta região do Brasil e seus sujeitos.

No discurso analisado, há uma significação do Nordeste como lugar “subalterno”, “atrasado”, “lixo”, “porcaria”, “de preguiça”. Ao tempo que reproduz essa significação, jornalistas se significam e significam a região Sudeste como “moderna”, “educada”,



“avançada” e “superior”. Nesse processo discursivo, há o apagamento da materialidade da linguagem e da história por conta do funcionamento da ideologia e da produção de evidências. Sentidos e sujeitos aparecem como pura evidência: “sempre foi”/ “lá do meio do Nordeste”.

Por isso, concordamos com Albuquerque Júnior, que ressalta a importância de se “questionar o reducionismo e, muitas vezes, mal-intencionado que só consegue ver o mesmo, o repetitivo, o lugar-comum, quando se trata de dizer e de fazer ver o Nordeste e o nordestino” (2007, p. 123). De nossa parte, e com nossas análises, compreendemos que se trata de discursos funcionando nas filiações de sentidos ainda dominantes “sobre” o Nordeste, submetidas às determinações históricas, à historicidade da língua, ao funcionamento da ideologia e aos interesses dominantes de uma determinada elite política e econômica.

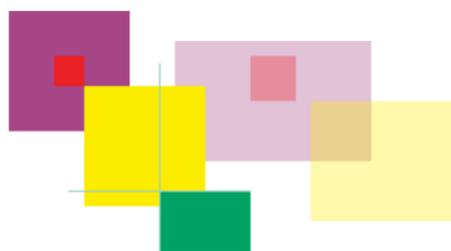
Cabe, por fim, chamar a atenção para uma questão que nos rondou durante as análises. Encontramos dizeres de outros sujeitos que se confrontavam com os dizeres “dos/as” jornalistas. Foram comentários que, a partir dos dizeres dessas/es jornalistas, tomavam outra posição de significação em relação ao Nordeste, num movimento de retomada, confronto e produção de novos sentidos. Pareceram-nos discursos que resistem aos efeitos de evidência e que, por isso, formulam outros dizeres a fim de se inscreverem em outros sítios de significância. Esses outros discursos não foram diretamente objetos da presente pesquisa. No entanto, eles já estavam/estão produzindo seus efeitos, margeando as sequências discursivas, polemizando com os sentidos e com os sujeitos.

Dissemos, na introdução, que queríamos concluir este trabalho trazendo novas problematizações. Nessa direção, queremos finalizar este artigo compreendendo que o discurso, em sua materialidade complexa, está sempre em processo, em repetição, mas também tem possibilidades de transformação, pois seu movimento retoma redes de memórias. Mas diante de contradiscursos, é possível encontrar outros trajetos de sentidos e novos movimentos nas práticas sócio-históricas dos sujeitos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.



BEIJA, Pedro. Apresentador de SP chama Copa do Nordeste e clubes nordestinos de "lixo" e "porcaria" em programa. Folha de Pernambuco, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticia/amp/186468/apresentador-de-sp-chama-copa-do-nordeste-e-clubes-nordestinos-de> . Acesso em: 1 jul. 2022.

COMENTARISTA diz na TV que Nordeste é "retrógrado" e "bovino". **Correio 24 horas**, 27 out. 2014. Brasil, p. 1-7. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/amp/nid/comentarista-diz-na-tv-que-nordeste-e-retrogrado-e-bovino/> . Acesso em: 8 jun. 2022.

FRANCO, Edson. **Vera Magalhães é acusada de xenofobia por internautas após comentário polêmico**. Istoé, 19 mar. 2021. Istoé Gente. Disponível em: <https://istoe.com.br/vera-magalhaes-e-acusada-de-xenofobia-por-internautas-apos-comentario-polemico/> . Acesso em: 15 jun. 2022.

HOMEM do tempo do Jornal Nacional é acusado de preconceito e xenofobia. **Catraca Livre**, 8 set. 2019. Cidadania, p. 1-6. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/homem-do-tempo-do-jornal-nacional-e-acusado-de-preconceito-e-xenofobia/> . Acesso em: 13 jun. 2022.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

MORAES, Fabiana. **Rejeição da elite a Lula tem origem na racialização do Nordeste**. *The Intercept* Brasil, 2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/08/09/lula-nordeste-racializacao-elite-preconceito/> . Acesso em: 09. Ago. 2022

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 2002.

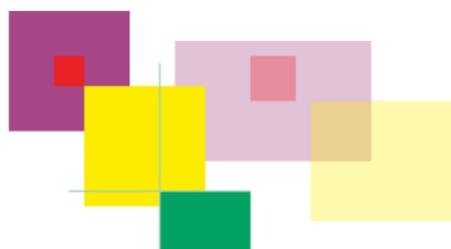
PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. Trad. José Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas-SP: Pontes, 1999. p. 49-57.

RAMIRES, Lídia. **"Eles conseguiram!": os sentidos de sucesso no jornalismo de televisão**. Maceió: Edufal/ Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

ROMERO, Mariza. **Nordestinos em São Paulo nos anos 1950: imprensa popular, ciência e exclusão social**. Encontro Estadual de História da Anpuh, v. 21, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406912950_ARQUIVO_ANPUH_NordestinosemSaoPaulonosanos1950.pdf . Acesso: 10 de maio de 2022.

SANTOS, Josefa. **Nordestino é... análises das discursivizações sobre os nordestinos nas redes sociais digitais**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas – Ufal. 2020.



SILVA, Fabrisa. **Da diversidade à desigualdade: os (des) caminhos de um discurso**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

SILVA SOBRINHO, Helson. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. *Revista Polifonia*. Cuiabá (MT), v. 26, n. 43, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307> . Acesso em 20 jun. 2022.

SILVA SOBRINHO, Helson. Imagens, dizeres e efeitos de sentido: a força material do discurso e a produção de evidências sobre o migrante nordestino. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (3): p. 959-970, set.-dez. 2012. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v3_t05.red6.pdf Acesso em: 16 jun. 2022.

VAQUER, Gabriel. Jornalista faz vídeo xenófobo contra Bahia e cogita encerrar canal: "errei". **UOL**, 12 jan. 2021. UOL Esporte, Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/01/12/jornalista-faz-video-xenofobo-contra-bahia-e-cogita-encerrar-canal-errei.amp.htm> Acesso em: 13 jun. 2022.